

ANAIS DO I COLÓQUIO DO LAHES

Juiz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005

Luz e progresso: o imaginário da Belle Époque em Juiz de Fora (1889-1914)*.

Cleyton Souza Barros
Graduando – UFJF

Resumo: O texto aborda o contexto de inauguração da iluminação por eletricidade, na cidade de Juiz de Fora, no período da Belle Époque, quando ocorria o apogeu da ideologia do progresso. A instalação da hidroeletricidade em 1889 representava um evento pioneiro para a América Latina. Ademais, a inauguração deste serviço ajuda-nos a entender o imaginário coletivo vivenciado na “bela época”. Dotada de inovações tecnológicas que começavam a fazer parte do cotidiano das pessoas, neste período visualizamos valores e símbolos da modernidade. O progresso unia a população juiz-forana, pela qual a eletricidade era vista como o milagre da modernidade.

Palavras-Chave: eletricidade, progresso, imaginário, Belle Époque.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar o contexto de instalação da energia elétrica na cidade de Juiz de Fora. Ocorrida em 1889, a implementação de tal serviço na cidade evidencia o período a que se denomina Belle Époque. Esta denominação traz consigo um sentimento presente entre aqueles contemporâneos de estarem vivendo um período áureo, especialmente evidenciado pelas inovações técnicas do momento¹. Mas isso não foi um privilégio da população juiz-forana. Diversas cidades brasileiras, como Rio de Janeiro, São Paulo, Manaus, Belém, Porto Alegre, Belo Horizonte etc - todas influenciadas pelo que primeiro ocorria no continente europeu - passavam por um processo de urbanização. França, Inglaterra ditavam as inovações (embora estivesse ocorrendo a modernização em outros países europeus); Estados Unidos era tido como o exemplo de país jovem a ser seguido no rumo do progresso.

* Artigo apresentado no I Colóquio do Laboratório de História Econômica e Social da UFJF.

¹ Estrada de Ferro Dom Pedro II em 1871, bonde de tração animal em 1881, telefone em 1884, telégrafo e água a domicílio em 1885. (VALE, Vanda Arantes do **Juiz de Fora_ “Manchester Mineira”**).

Utilizando relatos coletados em jornais da cidade, Diário de Minas e Gazeta da Tarde, referentes ao período de 06 de agosto de 1889 a 30 de setembro de 1889, tem-se a seguinte pretensão: pela verificação das reportagens, observa-se um comportamento, tanto da imprensa como da população em geral, de expectativa, apreensão, mas principalmente de euforia. Uma demonstração clara do sentimento que perpassava a população do final do século dezenove e que perduraria até 1914. Era o progresso, um valor que alimentava o imaginário social do mundo ocidental. Sendo assim pretende-se avaliar como as manifestações relativas à instalação pioneira da energia elétrica em Juiz de Fora trazem consigo a manifestação do imaginário do progresso.

O CONTEXTO DO PROGRESSO

Jacques Le Goff será de grande ajuda para o entendimento deste conceito, como o próprio autor afirma “eminentemente ocidental”². São em países como Inglaterra, mas principalmente na França que ao longo dos séculos esse conceito tomou forma e força. Entre o século XV (com a invenção da imprensa) e a revolução francesa (1789) surge explicitamente a idéia de progresso. É graças ao surgimento da ciência moderna (representada por Newton, Descartes, Copérnico), bem como das invenções daí surgidas que a noção progresso tem sua origem. Aliás, os avanços técnicos e materiais são determinantes para que ocorra a crença no progresso.

A partir da revolução francesa em 1789 inicia-se o período em que o progresso assumiu um patamar de destaque no pensamento ocidental. Foi no século dezenove, cujos avanços da industrialização, a melhoria do bem-estar, do conforto, e da segurança - para a elite - , vão caracterizar o que se denomina para o final dos oitocentos de Belle Époque. Os progressos técnicos e científicos, como também na política econômica liberal, na alfabetização, na instrução e na democracia testemunhavam a favor da Europa, especificamente Inglaterra e França. De 1840 a 1890 a ideologia do progresso conheceu o seu maior triunfo, ao mesmo tempo em que economia e indústria conheceram uma grande expansão internacional.

O progresso tornou-se uma necessidade. Para aqueles que enxergavam na civilização européia a própria civilização, importar as idéias era necessário e bem vindo.

² LE GOFF, Jacques. PROGRESSO e REAÇÃO. In: **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 233-281

Sendo assim, a ideologia do progresso passaria a ser instalada também no Brasil. Cidades como Rio de Janeiro, Manaus e Juiz de Fora foram submetidas às transformações e modificações no espaço urbano. Ferrovias, saneamento, meios de comunicação, conforto, segurança; todos elementos esboçadores da ideologia das elites burguesas, européias ou brasileiras.

Margarida de Souza Neves e Alda Heizer nos mostram o contexto da virada do século 19 para o 20³. Foi um período marcado por mudanças intensas dentre as quais destacou-se o surgimento de novas invenções, novos atores sociais - que traziam consigo idéias fervilhantes -, representativos da urbanização. Telégrafo, fotografia, gramofone, cinema, eletricidade. Sinais do progresso e da civilização. Duas noções que andavam juntas e que formavam um estado de espírito caracterizado pelo otimismo, euforia e esperança. As pessoas vislumbravam naquelas novidades a possibilidade dessas trazerem consigo a solução dos problemas, possibilitando paz e prosperidade a todos.

Os grandes centros irradiavam para a periferia o desejo de civilizarem-se. Isto é, imitar um modelo principalmente da França e Inglaterra pela modernização das cidades, seja no ordenamento do espaço com a construção de grandes avenidas, e edifícios condizentes com o ideal moderno de salubridade. Junto a isso, as inovações técnicas cumpriam um conjunto de medidas, cujo objetivo, ou melhor, cujo fim era o progresso e a civilização. E como é mostrada, a capital do Brasil, o Rio de Janeiro veio a ser “o laboratório” de experimentações atestadoras dos novos tempos. Reformas urbanas, trabalho livre, indústria e República, características dos novos tempos, do tempo do progresso.

A “bela época” também foi tempo de integração. Diversas áreas do mundo compartilhavam o mesmo sentimento, a mesma euforia: o progresso! Conquistas materiais e tecnológicas, a ampliação do comércio mundial e conseqüentemente a chegada do capitalismo internacional por áreas impensadas. Os ideais liberais e burgueses alastravam-se pelo mundo e inclusive em Manaus e Belém como apresenta Ana Maria Daou⁴.

As elites paraense e amazonense identificavam-se plenamente com ideais burgueses. Possibilitados pelo dinamismo da economia internacional, encontraram na

³ NEVES, Margarida de Souza; HEIZER, Alda. **A ordem é o progresso: o Brasil de 1870 a 1910**. São Paulo: Atual, 1991.

⁴ DAOU, Ana Maria. **A Belle Époque amazônica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ED., 2000.

comercialização da borracha - utilizada na crescente indústria automobilística -, o caminho de acesso ao consumo do conforto material, característico da Belle Époque. Assim, Rio de Janeiro, Manaus e Belém seriam os locais submetidos à atividade civilizatória. Intervenções urbanísticas, medidas higienizadoras e controle social foram realizados, e o espaço físico proporcionou a possibilidade de ampliação do convívio entre as elites, ou seja, bailes, teatros, cervejarias; práticas e espaços de sociabilidade que forneciam identidade social às elites do progresso.

E é justamente o próprio progresso que permitiu às elites amazônicas a realização de sua integração aos ideais burgueses de conforto material. Afinal, a borracha como demonstra Daou, foi um material do progresso⁵. Utilizada na fabricação de diversos bens industriais (pneus, preservativos, cabos telefônicos e elétricos), a borracha nada mais foi que uma demonstração dos progressos técnicos, bem como do domínio da natureza pelo homem. Mas ao mesmo tempo, foi o “veículo” que levou as elites à inserção do gosto e consumo daquilo que era externo. Assim como no Sudeste, a ferrovia encurtava distâncias, a navegação a vapor também se apresentava como o transporte do progresso na região amazônica. Pessoas e mercadorias numa maior circulação e contato com exterior, além do importante escoamento da atividade extrativista. De aproximadamente 1880 a 1910, esta região vivenciou e sentiu o que parecia ser eterno: o progresso. Cabe agora, observar tal contexto, em Juiz de Fora, especificamente, quando ocorreu a iluminação por eletricidade.

O CONTEXTO DE JUIZ DE FORA NA BELLE ÉPOQUE

Localizada na Zona da Mata, a cidade mineira ocupava o lugar de centro no complexo agro-exportador cafeeiro da região. É justamente esta posição de destaque que explica o processo de diversificação urbano-industrial pelo que o município passou a partir da segunda metade do século dezenove. Isto porque graças aos capitais gerados com a cafeicultura houve a possibilidade de investimentos na industrialização de bens de consumo. Mas isso não teve nada de espontâneo. Como afirma Maraliz de Castro Vieira Christo:

⁵ Idem. p. 29.

*“Faz parte de um projeto de modernização patrocinado pelos fazendeiros e industriais que visa satisfazer à necessidade de um maior controle sobre o espaço urbano e a população. É indispensável um plano de modernização que forneça uma infra-estrutura capaz de suscitar o desenvolvimento industrial. Neste momento, os jornais, as escolas, os teatros, as instituições culturais... Têm o papel de além de formar trabalhadores e quadros burocráticos, incutir na opinião pública o desejo de civilizar-se”*⁶.

Era o mesmo contexto vivido pela capital do progresso, Rio de Janeiro, bem como as cidades amazônicas, de Belém e Manaus. Respeitando-se as especificidades das respectivas cidades, a Belle Époque era marcada por problemas sanitários, pela falta de habitações, e a incômoda realidade do analfabetismo nas municipalidades. Civilizar-se era fundamental! E as elites tinham como “obsessão coletiva a imagem do progresso”⁷.

A instalação da iluminação por eletricidade é mais um episódio do processo de modernização da cidade mineira⁸. Verificar os relatos dos jornais, no período próximo à inauguração deste serviço ajuda-nos a perceber as manifestações da opinião pública e popular. Os relatos evidenciam o êxito das elites. A população incorporara o ideal de progresso. Prova disso, é a intensa manifestação de euforia, cujos reflexos viriam a consagrar a figura de Bernardo Mascarenhas⁹.

“A cidade de Juiz de Fora teve ontem múltiplos motivos para se entregar às expressões de ruidosa alegria. Inaugurou-se a iluminação elétrica devido à iniciativa ousada da Companhia Mineira de Eletricidade, personificada em Bernardo Mascarenhas; instalava-se o Banco de Crédito Real de Minas, aumentava-se o capital do Banco Territorial e Mercantil de Minas, que também se constituiu em Banco de Emissão e finalmente aprovavam-se as leis orgânicas da Sociedade de Medicina e Cirurgia. São de tão elevada significação

⁶ CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **“A Europa dos pobres”: a Belle Époque mineira**. Juiz de Fora: eduff, 1994. p. 1

⁷ Idem. P.12.

⁸ O plano de modernização abrangia um sistema bancário, transporte, energia, saúde, comunicação, associação de classe, educação. (Idem. p. 58).

⁹ Industrial importante, intensamente envolvido em diversas atividades, concernentes ao projeto de modernização de Juiz de Fora. Destacamos: Companhia Construtora Mineira, Banco Territorial e Mercantil de Minas Gerais e Sociedade Promotora de Imigração em Minas Gerais em 1887; Companhia Mineira de Eletricidade e Fábrica de Tecelagem Bernardo Mascarenhas em 1888; Banco de Crédito Real de Minas Gerais S/A em 1889; Companhia Mineira de Jute em 1893; Academia de Comércio em 1894. (Idem. P.76.).

tais fatos que aponta-los é tecer o mais levantado elogio ao espírito operoso e progressista da população, de que somos humildes origem. Siga o nosso fecundo e brilhantismo exemplo as outras cidades mineiras e a nossa província será, sob todos os respeitos, a primeira do Império 10.

Verdadeiramente não há como negar a alegria e sentimento eufórico emitido pela imprensa. Produto do progresso¹¹, este meio de informação nos fornece a comprovação do imaginário social. Entre agosto e setembro de 1889, a população de Juiz de Fora vivenciou as expectativas de inauguração da iluminação elétrica. Os relatos abaixo correspondem a este período em que ocorreram sucessivas experiências para a instalação do serviço. Eles comprovam o contexto de identidade que aquela comunidade estava inserida. Afinal, no âmbito mundial, nacional, ou local no Ocidente, as pessoas partilhavam do mesmo imaginário. Trata-se de um “um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”¹². Segundo Bronislaw Baczko “é por meio do imaginário que se podem atingir os medos e as esperanças de um povo”¹³. Naquele momento não havia espaço para medos. Observada e sentida pelos habitantes de Juiz de Fora, a eletricidade trazia para a realidade da sociedade desta cidade a esperança de felicidade. Isto porque significava mais uma possibilidade de melhoramento das condições de vida de toda a população. A princípio serviria para a iluminação pública da cidade. Mas, além disso, a energia elétrica representava o desejo da elite da ampliação da capacidade produtiva das fábricas, isto é, a implementação de uma infra-estrutura subsidiária da industrialização juiz-forana.

É característico do período da Belle Époque o que ocorreu nos países da Europa Ocidental, a Segunda Revolução Industrial. Este fenômeno foi marcado pela aplicação da ciência a processos industriais, como afirma Gildo Magalhães, “a junção do laboratório

* Cabe ressaltar que a ortografia dos relatos utilizados foi atualizada

¹⁰ Jornal Diário de Minas. 06/09/1889

¹¹ LE GOFF, J. op. cit. p. 245.

¹² PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 43.

¹³ MORAES, Denis de. **O imaginário social e a hegemonia cultural**. Disponível em: < www.artnet.com.br/gramsci >.

com a fábrica”¹⁴. Verificamos assim, a introdução de novas formas de energia, petróleo e eletricidade, e conseqüentemente o desenvolvimento de novos ramos da atividade industrial (como a siderurgia, a eletrotécnica, química industrial). Informadas das inovações tecnológicas do período as elites da periferia buscariam rapidamente a implementação de tal realidade aqui. Com a eletricidade seguiu-se esta lógica. Gildo Magalhães afirma que a eletricidade teve uma rápida difusão no último quartel do século dezenove. Isso se deve às vantagens presentes nesta nova forma de energia. A eletricidade é passível de ser transportada a grandes distâncias sem grandes perdas (daí decorre a sua transmissibilidade); como também é flexível, isto é, podendo ser convertida em outras formas de energia como calor e luz. Acrescente-se a isso, a possibilidade de ajuste de velocidades de motores elétricos, um menor desgaste de equipamentos. É difícil não pensar que todas estas vantagens não estivessem presentes no pensamento da elite, quando a eletricidade era inaugurada em Juiz de Fora. Especialmente no pensamento de Bernardo Mascarenhas.

Subsidiária da industrialização de Juiz de Fora neste período, especialmente da indústria têxtil, a eletricidade inicialmente fornecedora de luz para as ruas (e depois para as moradias), passaria posteriormente a realizar sua função de infra-estrutura, em outras palavras, fornecedora de força motriz. Tratava-se de um projeto hegemônico da elite, mas ao mesmo tempo a eletricidade evidenciada nas ruas iluminadas trazia em seu bojo a representação da modernidade. Este termo sintetiza o processo de mudanças mais qualitativas que quantitativas ocorridas neste período. A revolução tecnológica e científica deu ao final do século dezenove e início do vinte um caráter único. O deslumbramento e a euforia era compartilhada pelos contemporâneos da época. As novas tecnologias eram saudadas e constituíam uma realidade otimista. A eletricidade contribuía para isso, assumindo o papel de representação do moderno, do futuro e do progresso¹⁵. Segundo Sandra Pesavento o conceito de representação tem como idéia central à substituição “que recoloca uma ausência e torna sensível uma presença”¹⁶. A partir do real os indivíduos constroem representações explicativas de sua vivência, de sua existência no mundo. A eletricidade era mais um elemento representativo do contexto histórico vivido por aquelas

¹⁴ MAGALHÃES, Gildo. **Força e Luz: eletricidade e modernização na República Velha**. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 2000. P.30 e 31.

¹⁵ CMEB. **A vida cotidiana no Brasil moderno: a energia elétrica e a sociedade brasileira (1880-1930)**. Rio de Janeiro: Centro de Memória da Eletricidade no Brasil, 2001. p. 29

¹⁶ PESAVENTO, S. J. op. cit. P.40

pessoas. Ela contribuía para reforçar o sentido que o mundo tomava a partir de então. Ou seja, a crença no progresso, no otimismo e na esperança de um futuro constantemente marcado pela felicidade.

É dessa forma que a carta de um padre, Hypolito Campos, enviada ao jornal, ajuda-nos a entender como este homem identificava a si e aos outros nessa sociedade. Considerava o homem dotado de razão e capacidade, detentor de inteligência, que lhe garantiria o domínio sobre a natureza. A luz era o produto de tão engenhoso trabalho, elemento de bem-estar para o criador, mas também para os seus próximos. Ora, à luz da ciência e da razão o homem chegara às descobertas de suas próprias experiências, isto é, os frutos do progresso. Pelo imaginário social, como já vimos, identificamos as aspirações, os medos e as esperanças de um povo¹⁷. Mas o medo do progresso inexistia neste período. Como aspirações, observamos as expectativas de melhoria de vida. E a luz viria a cumprir tal desejo. Junto com as outras inovações (ferrovia, telégrafo, telefone, etc), a energia elétrica proporcionava ao homem a possibilidade de “romper barreiras intransponíveis tanto no espaço, quanto no tempo”.¹⁸ Oferecia a desvinculação do homem em relação ao tempo da natureza. As pessoas não conheceriam mais as limitações de atividades e tarefas com o pôr do sol. Aliás, isso já era percebido, pelos próprios contemporâneos. Um relato interessante evidencia tal situação.

“... o homem, luz inteligente, estuda, pensa, raciocina, resolve, não só para o próprio bem e por amor da verdade, mas para aplainar caminhos e iluminar os passos a seus irmãos... Ei-lo, pois no mais sobre empenho, após por fiados certamente, onde em arriscadas experiências, perde a vida em Richmnn e chama-se louco um Fulton, prendendo o raio e o vapor e convertendo-os em fatores poderosíssimos para fácil progresso e civilização dos povos. Servente dócil, esperto, o raio domesticado, civilizado, toma uma lâmpada, excita-se numa fibra carbonizada, transforma-se

¹⁷ MORAES, Denis de. **O imaginário social e a hegemonia cultural**. Disponível em: < www.artnet.com.br/gramsci >. Op. cit.

¹⁸ ROCHA, Amara Silva de Souza. **A sedução da luz: eletrificação e imaginário no Rio de Janeiro da Belle Époque**. Revista de História Regional. Vol dois. Nº 2, 1997.

magicamente em fanal, espanca as trevas, e ao rei da criação, seu senhor, ilumina os passos nos sabores e prazeres da vida...

Sim, em tudo a luz, a luz na ponta, a luz nos guiando. Sem Luzes, sem Deus, sem inteligência, sem a luz dos corpos, estacionários ficaríamos e isto seria preferível a caminhar nas trevas...

Precisamos também de luzes para a vida terrestre. Esta nós a encontramos na imprensa sensata, nos grandes gênios cultores das ciências, artes e industriais e nas estetas luminosas, que nos vão deixando após si, e que o estudo e a experiência aperfeiçoam de dia para dia, em demanda da perfectibilidade possível nas contingências das coisas criadas “ 19.

*“Se a população desta cidade atualmente não se diverte é porque não quer. **Além da iluminação elétrica, que é motivo para passeios à noite**, para as mais joviais palestras, aí estão duas companhias - a de toureiros e a Pery, que provocarão de certo, pruridos de sair de casa a quem, com o povo de Juiz de fora, não nasceu para viver na toca...” 20*

As pessoas cotidianamente sentiam e presenciavam as conquistas técnicas e tecnológicas. Telefone, ferrovia, eletricidade permitiam à população juiz-forana a imaginação de uma vida promissora. Tomavam consciência pelas invenções de que o futuro seria dotado de um progresso infinito e que suas vidas acompanhariam materialmente tais transformações. Não se trata de fantasia. Era a crença no progresso. Como afirma Le Goff, o que justamente leva os indivíduos a crer nesta idéia, é a sua experiência, é o seu sentir ²¹. E este é patente na cidade mineira expressamente inserida no contexto de transformações da economia capitalista.

¹⁹ Diário de Minas. 06/09/1889. Carta enviada por padre Hypolito Campos

²⁰ Gazeta da Tarde. 24/08/1889. Grifos meus.

²¹ LE GOFF, J. op. cit.

Mas a absorção do progresso de forma alguma foi espontânea. A elites dominantes tinham claramente em seus objetivos o controle da população. Isto se apresentava como fator primordial para a obtenção de sucesso na execução do projeto de modernização. Era o desejo de civilizar-se, assim como eram as nações européias, como também bem próximo dali o Rio de Janeiro. E como conseguir o consenso? Pela propagação da ideologia do progresso. Nas próprias palavras de Maraliz Christo, industriais e fazendeiros juiz-foranos desejavam “envolver a sociedade em uma nova maneira de pensar e refletir”²². O relato abaixo torna clara a presença de todas as classes sociais nas comemorações das primeiras experiências com a eletricidade.

“Às nove horas em ponto começaram a aparecer os primeiros traços de luz nas diversas lâmpadas. Imediatamente subiram ao ar inúmeros foguetes, fazendo ouvir inúmeras peças musicais a banda, que se achava portada nas proximidades do Boulevard de Juiz de Fora. Junto ao grande jardim municipal que enfrenta a rua Direita, estendia-se uma salva de 21 tiros que atroavam os ares. Formou-se então o préstito na seguinte ordem: primeiramente pessoas do povo que levavam foguetes, depois a banda de música, em seguida a comissão e, em último lugar, populares, entre os quais se viam representativos de todas as classes sociais e da imprensa...” ²³

Dênis de Moraes utiliza o conceito de hegemonia de Antonio Gramsci. Para ele, tal conceito caracteriza a liderança cultural-ideológica de uma classe sobre as outras²⁴. O período da Belle Époque configura-se como a ocasião de afirmação dos valores burgueses no mundo todo. As próprias fontes utilizadas neste trabalho têm um papel significativo na obtenção do controle hegemônico. Em outras palavras, a imprensa apresenta-se como um forte aliado na obtenção de consenso, fator indispensável à dominação. Ela, junto a outros elementos constitui, o que Gramsci chamou de aparelhos privados de hegemonia, instrumentos de difusão de valores simbólicos e de ideologias. Na organização da vida cotidiana os meios de comunicação, isto é, a imprensa assumia o

²² CHRISTO, M. op. cit. p. 77.

²³ Gazeta da Tarde. 23/08/1889

²⁴ MORAES, Denis de. op. cit.

papel de difusão dos ideais de progresso. Transmitiu à população as expectativas e esperanças, que especificamente, a luz representava. As elites burguesas, desta forma, aglutinavam as diversas classes sociais no consenso do progresso. Tratava-se do domínio do imaginário coletivo influenciado pelo momento em que simplesmente o progresso era percebido, como nunca antes foi. Tal conjuntura favorecia então, o controle da sociedade civil, envolvida e aguçada pela ideologia do progresso.

CONCLUSÃO

“Felizmente para nós outros que rendemos culto ao progresso, é hoje uma realidade a iluminação da próspera e florescente cidade de Juiz de Fora. Assim são os arrojados cometimentos da inteligência humana. Simples idéias, vagas noções caminham-se em cérebros esclarecidos, e para logo tomam vulto, acercam de aplausos populares e, aos incitamentos de todos, a idéia toma corpo, vivifica-se e aparece brilhante encarnada em um fato, em uma realidade louvável. Assim a manifestação de ontem. Germinava a idéia de iluminar-se a cidade pela eletricidade e aquele que, em boa hora concebera tão encomiástico intento, levou mão à empresa e, após os mais arditos e constantes labores, deu ontem, por consumada a sua obra, em meio aos louros de uma vitória esplêndida. Oficialmente inaugurou-se ontem o novo sistema de iluminação”.²⁵

A citação acima foi escolhida, pois considero a melhor explanação do que afirmamos ser a ideologia do progresso. É como se a própria classe dominante, constituída de fazendeiros e burgueses, tomassem voz pelo jornal. E na verdade trata-se disso mesmo. Afinal, a imprensa, enquanto instrumento de hegemonia da classe dominante, dava notícias á respeito do pioneirismo elétrico em Juiz de Fora. Noticiava a comemoração realizada por todos, identificados pela maravilha da eletricidade em sua

²⁵ Gazeta da Tarde. 06/09/1889

cidade; cujo futuro em comum prometia o que o progresso oferecia a quem o sentia: a felicidade. Dessa forma, a “bela época” testemunha um momento da história do Ocidente em que os homens esperavam um futuro melhor, encorajados pelas invenções que aos seus olhos se apresentavam. Construído pela burguesia, assimilada pelas demais classes, o que se têm em comum é um imaginário coletivo alimentado pela ideologia do progresso.

“Assim terminaram os festejos pela inauguração do novo sistema de iluminação. Foi uma homenagem digna de tão importante melhoramento. A luz é esplêndida, clara, fixa e perfeitamente igual. Não sobressaía bastante, porque a noite era de luar e o céu estava sem nuvens. Em noite escura melhor se apreciarão os resultados desse cometimento grandioso, pelo qual ainda uma vez saudamos, o operoso industrial Bernardo Mascarenhas”²⁶.

Assim como a luz, o progresso também era, na visão dos contemporâneos da Belle Époque, esplêndido, claro, fixo, e “perfeitamente igual”. Todos compartilhavam da visão de tão maravilhosas invenções, assim como do sonho de no futuro, estas representarem uma realidade de felicidade. Felicidade que no dia cinco de setembro de 1889 estava presente na cidade de Juiz de Fora, com a inauguração da iluminação das ruas pela eletricidade. Mais uma vez, os moradores tinham motivos para festejar com aquele prodígio. Eles tinham luz e progresso.

Rimas sem Rumo

Eia, façamos
Transformação.
Não mais digamos

²⁶ Gazeta da Tarde. 06/09/1889

Chuva ou pifão.

Demos ao fato

Sabor local.

Ninguém no ato

Enxergue mal.

Quando de vinho

Copo se toque.

Nesse instantinho

Toma-se um choque.

Beba-se mais

E, de repente.

Lá vem..cãs;traz

Forte corrente.

E, pois, que a ceva

Torna-se tétrico,

Em vez de chuva

Diga-se_ elétrico.

Zé Piloto²⁷

²⁷ Gazeta da Tarde, 24/08/1889.